

Da senzala ao quartinho

CAROLINE SCALISO, DAVID EPSTEIN, FREDERICO BRAZ E LETICIA HEES



erá que as empregadas domésticas já desempenharam papéis principais? Num país

miscigenado entre brancos portugueses, negros e índios, as escravas domésticas ocupavam um lugar de destaque. Elas colaboraram para a formação da cultura brasileira: nossa língua, nossas crenças, além da nossa cor mulata. Essas escravas estavam a serviço do seu senhor e, entre outros trabalhos domésticos, serviam como "amas de leite" e mantinham relações sexuais com os brancos.

Em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre descreve as escravas domésticas como verdadeiras donas-de-casa. Elas vinham da África especialmente para cuidar da casa, alimentar os senhores e seus filhos, contar as primeiras histórias de mal-assombrado – na língua delas – e iniciar os filhos dos senhores no amor físico, transmitindo "a primeira sensação completa de



Vendedora ambulante, Goiana - PE. (Segundo fotografia de A. Henshel)

homem". Esses favores sexuais eram concedidos pelas escravas, fossem elas negras ou índias, e assim foi dado início à miscigenação brasileira. As escravas domésticas estavam dentro da Casa Grande, convivendo, dividindo o mesmo espaço, servindo

e participando da vida dos senhores. Muitas vezes, ainda chegavam a apanhar das sinhozinhas, que não podiam suportar a traição dos maridos.

Mais de cem anos se passaram e parece que a história não mudou tanto assim. As escravas



Regina em ação: italianinha coleciona histórias em 30 anos de profissão

de outros tempos são nossas domésticas de hoje. Mas não é a perda de liberdade que caracteriza a relação de escravidão? Sim, mas será que ser livre é ter apenas dois dias por mês para cuidar da própria vida? Ou não ter hora para terminar o serviço? Ou ter que acordar de madrugada para ir ao trabalho? Ou ainda, sobreviver com cerca de dois salários mínimos por mês e morar em um quatinho de 2 metros quadrados?

A história depende do ponto de vista de quem conta.

Italianinha sangue quente

Era uma tarde sombria e chuvosa. Um dia quase incomum no Rio de Janeiro. Dona Carmen estava em sua cadeira de balanço, onde permanecia durante todas as tardes. Foi quando a menina chegou trazendo seu lanche. Dona Carmen estava dormindo com a boca aberta e a dentadura caída, coitada. A velha, de mais de 100 anos, já não podia fazer quase nada sozinha. A menina tentou acordá-la e nada. Tentou novamente, mas em vão. Da ter-

ceira vez, ela tocou os ombros de Dona Carmen e sacudiu com força. A velha estava gelada, sem pulso. Socorro, socorro! A Dona Carmen morreu! Em pânico, não sabia o que fazer e foi correndo chamar o porteiro.

Esse episódio é um dos muitos que essa doméstica carioca, de 42 anos, pra lá de engraçada, tem para contar. Neta de italianos, Regina Machado Coka, nasceu em São João de Meriti, no Rio, onde mora até hoje. E foi trabalhando em casas de família e em diferentes lugares que reuniu, ao longo dos quase 30 anos de experiência, um punhado de casos engraçados e histórias cheias de confusão. Na casa de Dona Carmen, ainda ficou um mês depois que a velha morreu, trabalhando para suas filhas. Na época, Regina tinha apenas 17 anos. "Tinha muito medo porque eu via a cadeira balançar sozinha. Me mandei."

Quando Regina tinha 13 anos seu pai a tirou da escola para trabalhar como babá de um recém nascido. "Meu pai achava que mulher devia cuidar de marido e filhos e ficar na beira do fogão". Foi seu primeiro emprego, e durou 10 meses. "Só cuidava do garoto, que era uma peste. Sempre que eu esquentava meu prato de comida ele começava a chorar."

Depois de algumas experiências em casas de família, Regina trabalhou em uma fábrica de bolsas. Saiu depois de um desentendimento com uma outra funcionária. Por causa de uma manteiga na hora do lanche, uma jovem empurrou Regina em cima de um copo de chocolate quente,

que quebrou cortando sua boca. Não deu outra. Foi tirar satisfação com a folgada da favela de Madureira, que quis mais briga. Regina foi demitida por justa causa, mas botou a empresa na justiça e ganhou.

Entre um emprego de balconista de loja, demonstradora de perfumes e algumas casas de família, a italianinha sangue quente lembra da época em que trabalhou como diarista. Foi quando teve mais retorno financeiro, mas trabalhava muito pesado. "Em um dia você tem que fazer o que num emprego normal demora uma semana. É trabalho acumulado. Mas se ganha bem".

Regina gosta mesmo é do contato com gente. Por isso, não esconde a vontade que ainda tem de ser demonstradora ou promotora de loja ou supermercado. "Foi o que eu mais gostei de fazer. A gente conhece pessoas novas o tempo todo".

Trabalhando há quase cinco anos em uma casa de classe média-alta da zona sul do Rio, Regina mostra o que aprendeu ao longo dos anos participando da intimidade das pessoas. "Tem horas em que a intimidade dos outros incomoda. Mas é bom se sentir da família, como aqui. O ruim são as pessoas que acham que empregada é menos gente e te tratam mal".

Apesar da rotina cansativa de ir para o trabalho todos os dias, Regina prefere a estabilidade do emprego onde confiam nela. "Acordo às 4:50, ligo o rádio, tomo banho e faço café. Aí ligo a TV e às vezes até vejo aquele rabino que fala engraçado." (Henri Sobel,



Família reunida: Zé Carlos é bem mais que um simples empregado doméstico.

rabino da Congregação Israelita Paulista, que nunca perdeu o sotaque de americano). "Depois saio e pego o ônibus às 5:50. Por volta das 6:30 salto na rodoviária e pego outro ônibus para a Lagoa, que demora mais 20 minutos." Nesse sacrifício diário, o que conta para ela é a boa relação no trabalho. "Aqui eu tenho autonomia para arrumar o que eu achar que precisa e fazer o que eu achar melhor para o almoço", explica.

Doméstico com pinta de mordomo

As crianças já estavam prontas para dormir, a louça limpinha, a casa toda em ordem. Foi só sentar, confortavelmente e muito à von-

tade no sofá da sala, e contar sua história. Não vestia nenhum tipo de uniforme, parecia estar dentro de sua própria casa. Afinal, são quase treze anos de convivência. A modelo Magda Cotrofe e seus dois filhos, Thalita, de 12 anos e Thiago, de 8, já consideram como parte da família o "empregado doméstico" Zé Carlos, de 37 anos.

Magda é divorciada, faz faculdade de jornalismo há um ano e viaja bastante a trabalho. Hoje em dia já tem total confiança em Zé Carlos e o vê como mais que um simples empregado. É seu braço direito.

Alguns podem estranhar o fato de um homem exercer uma função geralmente reservada às mulheres,

outros até preferem: são muitos os patrões que procuram nestes quase mordomos um certo requinte e determinadas qualidades.

José Carlos Lopes (ou apenas Zé Carlos), não teve uma infância fácil. Estudou até a oitava série ginasial e foi logo obrigado a deixar a cidade de Cruzeiro (SP)

em busca de alguma oportunidade na cidade grande. Os pais e os nove irmãos também ficaram para trás quando, há quinze anos, ele chegou ao Rio de Janeiro.

Antes de ser doméstico, foi feirante e vendedor de roupas. Lavou, passou e cozinhou em poucas casas de família até ser indica-

do por um amigo para trabalhar com Magda: "Marcamos uma hora, conversamos e tô aqui até hoje. Isso foi há treze anos", conta Zé Carlos. Durante esse tempo, Zé viu as crianças Thalita e Thiago nascerem, acompanhou o divórcio de Magda, presenciou momentos tristes, felizes e importantes.



De figurante à protagonista

Chegou a hora e a vez delas, pelo menos no cinema. *Domésticas*, o filme tira as empregadas do fundo da cena, de onde nunca saíram, e as coloca no primeiro plano para que possam contar suas histórias, mostrar seus desejos. A produção é baseada na peça de Renata Melo, que também trabalha como atriz. Durante dois anos, Renata entrevistou centenas de empregadas e montou o seu mosaico de histórias.

"Ouvi infinitas histórias: alegres, trágicas, cômicas, de morte, de loucura, de doença, de injustiça, de gratidão. Histórias que sensibilizam tão especialmente a alma, que me pergunto o que são, senão poesia bruta e autêntica", conta Renata.

O filme gira em torno de cinco personagens: as domésticas Roxane (Graziella Moretto), Raimunda (Cláudia Missura), Cida (Renata Melo), Créo (Lena Roque) e Quitéria (Olívia Araújo). Enquanto Roxane quer ser estrela de TV, Raimunda sonha com um príncipe encantado. Cida é insatisfeita com o casamento e Créo vive procurando a filha que desapareceu. Já Quitéria está sempre trocando de emprego porque, com o seu jeito atrapalhado, não consegue se fixar em nenhuma casa. Motoboys, faxineiros, zeladores e desempregados completam o quadro e dividem a cena com as protagonistas. As patroas só existem no discurso das protagonistas e não aparecem.

Um sentimento em comum une as empregadas do

filme: a angústia de serem tão pouco valorizadas na profissão que desempenham por falta de opção e não por vontade própria. "Eu não sou doméstica, eu estou doméstica", justifica a personagem Roxane.

O filme nos leva para dentro do quartinho, a senzala de outros tempos, e suscita uma reflexão sobre a existência dessa categoria profissional tão desvalorizada e, paradoxalmente, tão útil. Revela o íntimo dos autores de um trabalho tão ingrato que só aparece quando não é feito: quando a pilha de louça cresce em cima da pia ou quando a roupa suja se acumula no cesto. Da boca das empregadas da ficção saem desabaços semelhantes aos de tantas marias:

– Nós vive nesse sistema. Primeiro, a gente arruma as coisas dos outros. Depois a gente vai ver o que a gente pode fazer pra nós mesmos – diz a personagem Cida.

Domésticas, o filme tem direção de Fernando Meirelles e Nando Olival, que assinam junto com Renata Melo e Cecília Homem de Mello o roteiro. A trilha sonora junta músicas inéditas de André Abujamra com antigos sucessos do repertório brega, além de raps.

Classificado como comédia, *Domésticas* estreou esse ano em São Paulo e já percorreu algumas capitais brasileiras. Na quinta edição do festival de cinema de Recife, na capital pernambucana, ganhou os prêmios de melhor fotografia (Lauro Escorel) e atriz (para o trabalho em conjunto das atrizes).